

Achegas à genealogia dos Sete Macabeus de dona Rosa da Fonseca

Israel Blajberg*

Introdução

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), por intermédio do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), em parceria com a DPHDM, o INCAER, o IGHMB, a ANVFEB e a AHIMTB, organizou um grupo de estudos sobre teoria e método aplicados à elaboração de um projeto de pesquisa em História Militar, com o tema “O Legado de D. Rosa da Fonseca para a Família Militar”.

Como resultado de nossa participação, apresentamos o presente texto, cujo objetivo é de apresentar subsídios alusivos às origens genealógicas dos filhos de D. Rosa da Fonseca, os “Sete Macabeus”, combatentes da Guerra do Paraguai (1864-1870), que constituem de per si um dos maiores, se não o maior legado de D. Rosa da Fonseca para a Família Militar.

Cabe assinalar que, por ocasião da abertura, aos 13 de setembro de 2016, do referido “Ciclo de estudos sobre a teoria e método aplicados à pesquisa em história militar”, no CEPHiMEx, localizado no Palacete Laguna, na Rua General Canabarro, Maracanã, Rio de Janeiro, tive a oportunidade de conhecer

pessoalmente Sra. Dóris Pereira d’Alincourt Fonseca, trineta de D. Rosa da Fonseca, a matriarca de uma das mais importantes linhagens militares do país, em que se destaca a figura de um dos seus filhos, o proclamador da República e primeiro presidente do Brasil, marechal Manuel Deodoro da Fonseca.

Nessa ocasião, pude ouvir de voz própria da trineta Sra. Dóris, que seus antepassados, os Fonseca, assim como tantas famílias nordestinas, descendem de cristãos-novos, migraram de Portugal para a então colônia no Brasil, e do parentesco com o primeiro rabino do Brasil, Isaac Aboab da Fonseca, quando então veio-me a motivação para redigir o presente trabalho.

Assim sendo, nas páginas que seguem, sistematizamos os resultados da pesquisa bibliográfica e documental realizada sobre a genealogia dos filhos de dona Rosa da Fonseca, designados como os Sete Macabeus, uma vertente relativamente pouco estudada do legado de D. Rosa da Fonseca para a Família Militar Brasileira, qual seja, as origens em Portugal judaico de seus sete filhos, os Sete Macabeus, por linhagem paterna, do seu esposo tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca. Para tanto, e acompanhando os es-

* Integrante da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, diplomado pela ESG (CAEPE 2004 e CLMN 2007), vice-presidente da Casa da FEB, no Rio de Janeiro-RJ. (*ibljberg@poli.ufrj.br*)

tudos e obras mencionadas acerca do assunto (Fonseca 1982, Faiguenboim, Valadares e Campagnano 2004, Silva 2013 e Sena 1933), introduzimos uma breve descrição dos primórdios do Brasil judaico no período compreendido entre o Descobrimento e o término da Inquisição, determinada pelo marquês de Pombal ao final do século XVIII, seguindo-se apreciações sobre a genealogia familiar dos Fonseca, comentários sobre o Brasil holandês judaico do rabino Aboab da Fonseca, de longínquo parentesco com os Sete Macabeus, o porquê dessa denominação de fundo hebraico ostentada pelos filhos de D. Rosa da Fonseca e o brasão da Família.

Em termos teóricos, a pesquisa toma por base as obras que tematizam a relação entre o indivíduo e a sociedade, como *O Espaço Biográfico* (Arfuch, 2010); e *A Ilusão Biográfica* (Bourdieu, 1996).

D. Rosa Maria Paulina da Fonseca (1802-1873), em solteira Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante, descendia de índios e escravos, sendo mais conhecida como D. Rosa da Fonseca. Nasceu na antiga capital de Alagoas, atual município de Marechal Deodoro, casando-se com Manuel Mendes da Fonseca em setembro de 1824, o qual, como descendente de cristãos-novos, transferiu por linhagem paterna essa condição aos filhos.

Em 2016, D. Rosa da Fonseca foi instituída Patrona da Família Militar, sendo o 18 de setembro, data de seu nascimento, comemorado como o Dia da Família Militar, conforme a Portaria nº 650, de 10 jun 2016, do comandante do Exército.

A data torna-se ainda mais emblemática para a Força Terrestre, considerando o legado de Rosa da Fonseca e de seu esposo

Manuel Mendes de Fonseca, eis que, nessa união, se amalgamaram as três vertentes formadoras do Povo Brasileiro, e por via de consequência de seu Exército: o índio, o branco português, em que se incluem os cristãos-novos, e o negro africano.

O capital simbólico dessa convergência manifesta-se amplamente no dia a dia da caserna, eis que nas fileiras da tropa incorporaram-se indistintamente o filho do índio, do branco e do negro, o filho do pobre e o filho do rico; nos quartéis espalhados de norte a sul, independente da origem ou da classe social, o Exército os irmana e transforma em soldados-cidadãos, soldados brasileiros.

Trata-se assim de notável coincidência: na própria semana em que, pela primeira vez, viria a ser comemorado o Dia da Família Militar e da sua patrona, D. Rosa da Fonseca, viesse mais uma vez à tona a saga dos cristãos-novos, componente judaica dos Fonseca, por uma ilustre integrante da tradicional família, ainda que não fosse uma novidade, já que referências alusivas circulam com alguma frequência, seja em livros e textos históricos, seja por tradição oral.

Portanto, sob a inspiração do providencial encontro, veio a nascer o forte interesse em elencar alguns elementos sobre as origens dos filhos de D. Rosa da Fonseca, determinadas pelo casamento com Manuel Mendes da Fonseca, cujos dois sobrenomes, de per si, já denotam a possível origem judaica, como iremos comentar a seguir.

O Brasil dos cristãos-novos

Conforme diversos estudos realizados (NOVINSKI, LIPINER, WOLFF, IZECKSO-

HN, PERNIDJI) é sabido que, nas origens do Brasil, há uma presença importante de cristãos-novos, ou marranos, ou criptojudeus, ou judaizantes, que no idioma hebraico são designados como “Anussim” (forçados). Os primeiros deles já chegaram a bordo das naus do almirante Pedro Álvares Cabral, em busca de novos ares, novos tempos, um novo mundo, onde ninguém fosse obrigado a ter a religião do rei, onde pudessem seguir os Dez Mandamentos, a Lei de Moisés, sem medo das fogueiras da “Sancta” Inquisição. Dois cristãos-novos destacaram-se na frota cabralina: mestre João de Faras, médico e astrônomo e que foi o primeiro a identificar a constelação do Cruzeiro do Sul, que teria inspirado um dos primeiros nomes da terra descoberta, Terra de Santa Cruz, e Gaspar da Gama, intérprete que acompanhara Vasco da Gama às Índias, como comandante da nau que transportava mantimentos da expedição. Judeus, foram obrigados a se converter ao catolicismo.

Foi enorme a contribuição judaica aos 500 anos do Brasil, essa gente que secretamente comia carne na Semana Santa, não jejuava, não ia à missa, não considerava crime a vida sexual, enfim, não achavam correto que alguém fosse obrigado a abandonar a sua religião, e adotar uma outra à força, daí advindo a denominação de “anussim”.

A fé mosaica era professada pelo primeiro poeta nacional, Antônio José de Oliveira, o Judeu. Fernando de Noronha foi um judeu, o primeiro português a quem D. Manuel deu um título de donatário, pioneiro na extração de madeira. Outro judeu, Garcia da Horta, foi médico de Martim Afonso, governador das Índias. Antônio Raposo Tavares, o

Bandeirante Caçador de Esmeraldas, cristão-novo teve a madrasta presa pelo Santo Ofício. Os jesuítas quiseram entregá-lo à Inquisição, mas ele os rechaçou e os fez saber que avançava em nome da Lei de Moisés. Ainda está para ser escrita boa parte da história dos cristãos-novos, que vieram por livre vontade a um Brasil para donde El Rey mandava os criminosos de Portugal. Nos 500 anos, restaram um tanto esquecidos, mais que índios e negros. Felizmente, cada vez mais acadêmicos e estudiosos vêm empregando as ferramentas da história para fazer justiça aos que povoaram a terra.

Manuel Mendes da Fonseca e Rosa da Fonseca — genealogia e estrutura familiar

Os sobrenomes Mendes e Fonseca,¹ bem assim aqueles oriundos de famílias com origens judaicas, que em um determinado momento seja pelo casamento, seja por outros motivos, embora nominalmente pudessem ter se deslocado da sua condição judaica, nem por isso perderam os laços genealógicos de DNA que os vinculam ao judaísmo, ainda que eventualmente remotos, eis que esses são quase que indissolúveis, já que o sangue judaico dos cristãos-novos, que produziram parte da nossa nacionalidade, terá permeado gerações e gerações e hoje flui, ainda que repartido em proporções milésimas, nas veias de tantos e tantos brasileiros, que disso mal se apercebem.

Assim é que, nestas linhas, reunimos anotações que indicam possíveis origens judaicas remontando ao Portugal pré-descobrimto do Brasil, dos filhos de Rosa da Fonseca, pelo lado paterno.



Figura 1 – D. Rosa da Fonseca e seus sete filhos, os Sete Macabeus

Fonte: www.legiaodainfantariadoceara.org

Em 1824, uniram-se em casamento o pernambucano Manoel Mendes da Fonseca e a alagoana Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti, os quais tiveram nada menos que dez filhos, sendo duas mulheres, Amélia Rosa da Fonseca e Emília Rosa da Fonseca, e oito homens, dos quais sete seguiram para a Guerra do Paraguai, na qual três tombaram em combate: Afonso Aurélio da Fonseca, Eduardo Emiliano da Fonseca e Hipólito Mendes da Fonseca. Os cinco filhos sobreviventes tornaram-se personalidades de destaque na História do Brasil, a saber:

Manoel Deodoro da Fonseca, marechal do Exército, generalíssimo de Terra e Mar, fundador da República e chefe do Governo Provisório e 1º presidente constitucional, Grã-Cruz da ordem de Aviz, grande dignitário da Rosa, Grã-Cruz da ordem do Cruzeiro.

João Severiano da Fonseca, general médico, patrono do Serviço de Saúde do

Exército, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, médico militar e literato.

Hermes Ernesto da Fonseca, marechal do Exército, ex-presidente da província de Mato Grosso, comandante das armas nas províncias do Pará e Bahia, governador da Bahia, conselheiro de Guerra, Grã-Cruz da ordem de Aviz, dignitário das ordens da Rosa e do Cruzeiro, cavaleiro da de Cristo.

Severiano Martins da Fonseca, marechal de campo, ex-diretor da Escola Militar de Porto Alegre, barão de Alagoas, grande do Império, conselheiro de Guerra do conselho do imperador, veador da imperatriz D. Teresa Cristina, comendador das ordens de Cristo e Aviz, oficial da Rosa e do Cruzeiro.

Pedro Paulino da Fonseca, senador e coronel Honorário, tenente reformado do Exército, coronel honorário do Exército, ex-governador de Alagoas, senador federal pelo mesmo Estado.



Figura 2 – Brasão da Família Fonseca
Fonte: SGEEx

O Brasão dos Fonseca encerra múltiplos significados, espelhando a carreira militar de ilustres integrantes da família. As três tainhas de prata nadantes representam o Estado de Alagoas, onde nasceram oito dos dez filhos do tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca e sua mulher, a heroína Rosa Maria Paulina da Fonseca.

As sete espadas com punhos e guardas de ouro simbolizam os Sete Macabeus, filhos de Manuel e Rosa da Fonseca, sendo as três ensarilhadas representativas dos marechais Hermes Ernesto da Fonseca, Severiano Martins da Fonseca, Barão de Alagoas com Honras de Grandeza, e Manoel Deodoro da Fonseca, o proclamador da República. A espada horizontal simbo-

liza o general médico João Severiano da Fonseca, patrono do Serviço de Saúde do Exército.

As outras três espadas, entrelaçadas em funeral, recordam o major Eduardo Emiliano da Fonseca — morto em combate na Batalha de Ipororó —, o capitão Hipólito Mendes da Fonseca e o alferes Afonso Aurélio da Fonseca, ambos mortos na Batalha de Curupaiti.

Em cima do escudo uma coroa de conde, símbolo da fidalguia e nobreza do marechal Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagoas, com Honras de Grandeza.

Cabe assinalar que dos nove presidentes da República militares, dois eram da família Fonseca, sendo os demais Floriano Peixoto, o marechal de Ferro, Dutra, Castello Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo.

O marechal Deodoro da Fonseca foi o primeiro presidente da República (15 nov 1889 – 23 nov 1891), formado pela Escola Militar do Largo de São Francisco na Turma de Artilharia de 1847, no prédio onde, em 1811, D. João VI mandou instalar a Academia Real Militar, que, em linha de sucessão direta, chega aos nossos dias no ramo civil como Escola Politécnica da UFRJ, e no ramo militar como Academia Militar das Agulhas Negras. No tradicional e histórico prédio do Largo de São Francisco, nasceu a Engenharia Nacional, em berço militar, desde a Escola Central, passando pela Escola Politécnica e Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil até a Politécnica de hoje na Cidade Universitária da Ilha do Fundão, Rio de Janeiro.



Figura 3 – Academia Real Militar, Largo de São Francisco (Rio de Janeiro-RJ)

Fonte: A3P

O marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, neto de dona Rosa da Fonseca, era filho do marechal Hermes Ernesto da Fonseca e de D. Rita Rodrigues. Foi presidente da República de 1910 a 1914. Em sua gestão foi construída a Vila Militar e o Forte Copacabana. Era casado com sua prima-irmã, D. Orsina da Fonseca, filha do coronel Pedro Paulino da Fonseca. Seu pai, Hermes Rodrigues da Fonseca nasceu em São Gabriel-RS, tendo sido ministro da Guerra.

Seria oportuno aqui mencionar o ilustre cristão-novo José Antônio Gonsalves de Mello, o “Grão-Mestre da História de Pernambuco e do Nordeste”², que nasceu e morreu no Recife (16 de dezembro de 1916 – 7 de janeiro de 2002), filho de Ulysses Pernambucano de Mello e Albertina Carneiro Leão. Foi um dos maiores especialistas na história da presença holandesa no nordeste brasileiro. Sem ele, a primeira sinagoga das Américas, provavelmente ainda estaria hoje oculta como a loja de ferragens que funcionava no antigo prédio da Rua dos Judeus.

Autor de *Tempo dos Flamengos* e do *magnus opus Gente da Nação* (1990)³ ele conta, usando como epígrafe os versos do escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986), que consultou o primo Sylvio Paes Barreto sobre uma possível origem judaica, e este lhe informou que descendia do velho Duarte de Sá.⁴

A família Pernambucano de Mello

possui ascendência Fonseca Galvão, cujo ramo alagoano, o dos “Sete Macabeus”, do marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), consideram-se aparentados ao rabino Isaac Aboab da Fonseca.

Quando o avô paterno do grande historiador Gonsalves de Mello esteve no Rio de Janeiro, recebeu do marechal Deodoro o tratamento de “primo”, reconhecendo o parentesco entre as duas famílias. Temos aqui a prova inconteste das raízes de cristão-novo de Deodoro, das quais tinha conhecimento.

Período Holandês — 1º rabino do Brasil: Isaac Aboab da Fonseca

Segundo Fonseca (1982), o tenente-coronel Manuel Mendes Fonseca tem raízes genealógicas em comum com o primeiro rabino do Brasil, Isaac Aboab da Fonseca (1605-1693), nascido em Castro Daire, distrito de Viseu, vila hoje com cerca de 4.600 habitantes, a cerca de 300km ao NE de Lisboa, na tradicional província de Beira Alta.⁵

Ainda criança, Aboab seguiu com a família para Amsterdam, que se consolidava como importante polo judaico dos judeus sefaradim, expulsos de Portugal e Espanha. Sefarad significa Espanha em hebraico, e até hoje os sefaradim ainda falam o ladino, língua muito parecida com o português e espanhol, com alguma influência do hebraico. Aboab desembarcou em Recife em 1642, durante o domínio holandês (1630-1654), tendo retornado a Amsterdam com a derrota batava.

Aboab era bisneto do último *gaon* (sábio) de Castilla, mestre reconhecido na interpretação da lei mosaica, forçado em 1492 a sair da Espanha para Portugal, estabelecendo-se na cidade do Porto, quando da expulsão dos judeus determinada pelos Reis Católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castilla. O menino Aboab recebeu o nome de Simão da Fonseca, filho de David Aboab e Isabel da Fonseca. Em 1612, viviam em Amsterdam, onde os judeus gozavam de liberdade de religião.



Figura 4 – Rabino Isaac Aboab da Fonseca
Fonte: commons.wikimedia.org

Já de volta à Holanda, após a expulsão dos holandeses do Brasil, em 1675, construiu em Amsterdam a sinagoga monumental, à feição do Templo de Salomão em Jerusalém, a maior do mundo na época. Abriga a biblioteca Etz Haim, a Árvore da Vida, mais antigo repositório judaico existente. Verdadeira catedral judaica, imensa, profunda, janelas altas, até hoje iluminada por velas, sem utilizar a luz elétrica. Assoalho de madeira, bancos seculares de madeira maciça, o coro da sinagoga até hoje entoa cânticos luso-judaicos, e o português está presente em inúmeras placas nas paredes bem como nos nomes dos fiéis.

A Sinagoga da Rua do Bom Jesus, no Recife, antiga Rua dos Judeus, fechada há 350 anos pela intolerância, foi reaberta em 2002, enquanto a Sinagoga Portuguesa de Amsterdam, fundada pelos judeus portugueses que do Brasil para lá se dirigiram, se manteve aberta todos estes séculos.⁶

Aboab da Fonseca, além de rabino Chefe do Brasil de 1642 a 1654, era escritor e deixou uma bagagem literária em que se destacam obras em ladino: Escreveu uma gramática hebraica e em 1655 publicou a tradução hebraica da obra cabalística *Casa de Dios e Puerta del Cielo*, de Abraham Cohen Herrera. Em 1681, publicou um comentário espanhol sobre o Pentateuco. Escreveu em seu famoso poema histórico em hebraico *Zecher Asiti leNiflaot El* [*Ergui um Memorial aos Milagres de D-us*], composto no Recife em 1646: “...Há muitos Combatentes em meio a minha Nação...”

Em 1655 (ano hebraico 5415), em Amsterdam, o rabino Aboab da Fonseca publicou, em sua introdução ao trabalho cabalístico de Abraham Cohen Herrera, *Shaar ha-Shamayim*

(*Portão do Paraíso*), que traduziu do original espanhol para o hebraico, as seguintes considerações sobre os eventos recém-ocorridos no Brasil Holandes:

...O Senhor realizou o milagre de nos retirar da fornalha do Brasil, do Egito, onde nossos inimigos nos afligiram com zombaria e escárnio. Do lado de fora impera a espada, e dentro, o medo. No ano 5406 do calendário hebraico [1645-1646] muitas dificuldades foram suportadas pela amada nação; livros e pergaminhos não seriam suficientes para contar esta história. A Corte Celestial havia decretado que o bando de saqueadores aparecesse, invadindo florestas e campos. Alguns faziam pilhagens, outros caçavam seres humanos, pois o inimigo veio com a intenção de destruir tudo. Este exército e seus oficiais vieram do deserto e do sertão solitário. Alguns [dos judeus] foram mortos, e outros morreram de fome e foram se reunir a seus ancestrais, e descansaram em seus locais de repouso [túmulos]. E muitos poucos de nós permaneceram vivos e esperando a morte e vergonha. Comemos como se fossem iguarias em uma mesa de ouro qualquer migalha ou pão seco, sem nenhuma segurança. Mas até isso também se tornou raro em nossos lares, e nada mais restou para se comer ou beber. Os judeus, como de costume oraram ao Senhor e Ele os ajudou e fez chover maná sobre eles, para que pudessem satisfazer sua fome. Foi um milagre. Depois de muitas dificuldades e males, uma voz do céu ordenou que deveríamos ser totalmente expulsos do país. Alguns nus, outros descalços, partiram nos navios. Porque Deus fez com que eles fossem libertados. O grupo sobrevivente se tornou o Shearith Israel [Remanescentes de Israel].

O Senhor guiou e salvou e animou o espírito dos humilhados, e ninguém da comunidade inteira foi perdido. Eu, pessoal-

mente, estava entre os exilados e o Senhor me fez voltar a este lugar (Amsterdã) para desfrutar o paraíso do estudo da Torá (a Bíblia Hebraica Sagrada – Velho Testamento) [...]

Interessante constatação daquele valioso escrito do rabino Aboab da Fonseca, é de que o mesmo se valeu do sentido figurado do termo hebraico *barzel* — ferro como fornalha de ferro, sinônimo de “lugar de aflição” (vide Reis, 8:51 e Jeremias, 11:4) —, referindo-se à “Fornalha do Brasil”, uma alusão ao clima tropical do Recife, lugar de aflição para os Judeus.⁷

Os Macabeus Bíblicos — luta contra os gregos e a Festa das Luzes

Sete filhos de D. Rosa da Fonseca são conhecidos como os Macabeus, por terem combatido na Guerra do Paraguai, e ela própria, como “A Macabeia”; são eles: Afonso Aurélio da Fonseca, Eduardo Emiliano da Fonseca e Hipólito Mendes da Fonseca, os três heróis que tomaram em combate, e os quatro que atingiram o generalato, Manoel Deodoro da Fonseca, marechal e presidente da República, João Severiano da Fonseca, general médico, patrono do Serviço de Saúde do Exército, Hermes Ernesto da Fonseca, marechal do Exército e Severiano Martins da Fonseca, marechal de campo.

A palavra macabeu deriva do hebraico macabi — martelo. Era a denominação dos cinco filhos do sacerdote Matatiau, dos quais o mais ilustre foi Yehuda haMacabi, Judas Martelo, pela sua força e determinação na luta contra os gregos.

Há relatos de uma mulher chamada Hanna (Ana) ou Miriam, cujos sete filhos foram mortos pelos gregos, por se recusarem a pecar contra a religião judaica, tendo sido sepultados em uma sinagoga. Há também relatos dos “Santos Macabeus” ou “Santos Mártires Macabeus” na Igreja Católica e na Igreja Ortodoxa.

A vitória dos macabeus sobre os gregos é comemorada até hoje, quando os finais de ano trazem sempre uma coincidência judaico-cristã, pela proximidade de duas festas, o Natal e a Festa das Luzes, em hebraico Hanucá, que comemora a vitória sobre o obscurantismo grego.

Mais de 2.000 anos atrás, em 167 a.C., já profano imperador grego atentou contra a liberdade religiosa, pretendendo que os seguidores da Lei de Moises renunciassem a sua fé.

Matitiáhu e seus 5 filhos, conhecidos como os Macabeus, iniciaram a revolta, num lugar que a Bíblia cita como Modiin, na estrada que vai do Mediterrâneo a Jerusalém, onde hoje é Aeroporto Ben Gurion, perto de Tel Aviv. Três anos depois expulsaram os opressores de Israel.

Se por absurdo os gregos conseguissem terminar com o Judaísmo, hoje não haveria nem o Cristianismo nem o Islamismo. Seríamos pagãos adorando divindades mitológicas...

Os filhos de Matatiau, os cinco Macabeus, foram soldados valentes do Exército dos Hebreus. Dois milênios se passaram, e os sete filhos de D. Rosa da Fonseca, do mesmo modo também souberam defender a Pátria, como soldados do Exército de Caxias, daí serem designados igualmente como “Os Macabeus”.

Conclusão

As referências a judeus portugueses de nomes Mendes e Fonseca ocorrem às centenas nos livros especializados, como nos de Anita Novinski, eminente professora da USP, considerada a maior especialista em marranismo do Brasil, e quiçá do mundo.⁸

Esperamos ter prestado aos estudiosos do assunto alguns subsídios sobre o tema, nestas breves considerações genealógicas sobre os filhos de dona Rosa da Fonseca, os Sete Macabeus, convergindo com os indicadores elencados por Walter Fonseca em sua obra (Fonseca, 1982), na qual também relata diversos outros FONSECAS do Ramo Judeu, citando ainda os levantamentos produzidos por Loewenstamm, Rheingantz, Roberto Piragibe da Fonseca e Roger Peyrefitte, incluindo nominalmente Deodoro e os FONSECAS de Alagoas, como sendo de origem semita.

O judaísmo latente dos FONSECAS que deixaram Portugal em busca de um novo mundo já permanecia por séculos adormecido nos desvãos da história, quando Manuel e Rosa se casaram. Mas a pátina do tempo não foi suficiente para que essa história fantástica fosse esquecida, como prova o encontro que tivemos com a trinetá Dóris, eis que as perseguições, as fogueiras, a intolerância da Inquisição não conseguiram evitar a contribuição ao Brasil dos que ficaram, pois o Nordeste foi e é uma terra de cristãos-novos, onde, com o passar do tempo, foram-se transformando em cristãos-velhos, para poderem ser aceitos na sociedade.

Ao contemplar em antigas gravuras os rostos dos sete Macabeus, revela-se o amálgama em que se constitui o povo brasileiro,

resultado da junção, ao longo dos séculos, dos índios e tantos outros imigrantes, identificando em alguns os traços dos guerreiros caetés e tabajaras; em outros, dos negros que ajudaram a fazer deste país uma grande nação e sem dúvida os antigos traços judaicos sefaradim (Sefarad = Espanha em hebraico). Certamente em suas veias corria um infinitésimo de sangue judaico, do que certamente podiam se orgulhar. E assim continua a jornada dos cristãos-novos, confirmando a profecia bíblica de Isaias: “tão numerosos quanto as estrelas no céu, e quanto os grãos de areia do deserto...”. **REB**

Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, pp. 183-192.
- BLAJBERG, Israel, **Herança Espiritual Judaica em Brasilidades e Outros Temas - Breves Narrativas**, Resende, RJ - AHIMTB, Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2015. 112 p.
- BLAJBERG, Israel, **Estrela de David no Cruzeiro do Sul: memória da presença judaica nas Forças Armadas do Brasil – de Cabral ao Haiti**. Resende, RJ - AHIMTB, Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2015. 650 p.
- FAIGUENBOIM, Guilherme; Valadares, Paulo; Campagnano, Anna Rosa, **DICIONÁRIO SEFARADI DE SOBRENOMES**. São Paulo: 2004, 528 p.
- FONSECA, Walter, **Fonseca: Uma família e uma história**, São Paulo, Editora Obelisco, 1982.
- IZECKSOHN, Isaac. **“Os Marranos Brasileiros”**. São Paulo, Ed. part., 1967.
- Novinski, Anita W. **Inquisição: prisioneiros do Brasil - séculos XVI-XIX**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.
- LIPINER, Elias. **O Tempo dos Judeus segundo as Ordenações do Reino**. São Paulo: Nobel - Secretaria de Estado da Cultura, 1982.
- LIPINER, Elias. **Gaspar da Gama: um converso na frota de Cabral**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987
- NOVINSKI, Anita. O Papel dos Judeus nos Grandes Descobrimentos. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 11, nº 21, São Paulo, 1991, 65-75.
- NOVINSKI, Anita. **A inquisição**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- SENA, Ernesto. **Deodoro: subsídios para a história**. Brasília: Senado Federal, 1999. 318 p.

PERNIDJI, Joseph Eskenazi. **Das fogueiras da Inquisição às terras do Brasil**. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

PERNIDJI, Joseph Eskenazi. **A Saga dos Cristãos-Novos**. Rio de Janeiro, Imago, 2005.

SILVA, Alberto Martins da. **Rosa da Fonseca e seus filhos**. Brasília: Athalaia, 2013. 103 p.

WOLFF, Frieda. **Dicionário Biográfico I Judaizantes e Judeus no Brasil – 1500 – 1808**. Rio de Janeiro, Ed. part., 1986.

WOLFF, Frieda. **Dicionário Biográfico VII - Processos de Inquisição de Lisboa Referente a Pessoa Nascidas ou residentes no Brasil e outros Estudos**. Rio de Janeiro, Ed. part., 1991

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Faiguenboim, Guilherme; Valadares, Paulo; Campagnano, Anna Rosa, DICCIONARIO SEFARADI DE SOBRENOMES, ISBN 9788585989200, Português, Inglês, Brochura, 528 págs., 2004, incluindo Cristãos-novos, conversos, marranos, italianos, berberes e sua historia na Espanha, Portugal e Itália.

² Oração de Posse do Cel Claudio Skora Rosty na Cadeira Gonsalves de Mello da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em 22 out 2009 no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

³ MELLO, José Antonio Gonsalves de. Gente da Nação; cristãos-novos e judeus em Pernambuco. 1542-1654. Recife. Fund. Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1989.552 p. II..

⁴ In <Bestaefolada.blogspot.com/2010_12_01_archive.html>, do eminente genealogista Paulo Valadares.

⁵ <www.ine.pt>, portal do Instituto Nacional de Estatística, consultado em 13 out 2016

⁶ Blajberg, Israel, Herança Espiritual Judaica em Brasilidades e Outros Temas - Breves Narrativas. Resende, RJ - AHIMTB, Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2015. ISBN 978-85-60811-23-6, 112 páginas.

⁷ Blajberg, Israel, Estrela de David no Cruzeiro do Sul : memoria da presença judaica nas Forças Armadas do Brasil – de Cabral ao Haiti. Resende, RJ - AHIMTB, Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2015.

⁸ Novinski, Anita, Gabinete de Investigação: uma “caça aos judeus” sem precedentes. Brasil-Holanda, séculos XVII e XVIII. Editora Humanitas, São Paulo, 2007.